

ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA: Processando a teoria através da prática

GÓES, Mariza Barcellos

Arquiteta. Mestre. Professor substituto. Escola de Arquitetura. UFMG (e-mail: marizagoes@yahoo.com)

RESUMO

Entre as muitas indagações presentes no cenário da arquitetura contemporânea, constata-se o distanciamento existente entre a teoria, a reflexão crítica e a prática da arquitetura. Com a finalidade de transpô-lo, apresento uma investigação sobre a prática dos arquitetos contemporâneos. Acredito que, somente através de uma fundamentação teórica engajada e baseada na prática, é que será possível contribuir para um projetar mais harmônico e eficaz.

Com essa intenção, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, realizada através de entrevistas em profundidade, com um grupo de dezoito arquitetos. Cada um deles ainda contribuiu com o fornecimento de um de seus próprios projetos. Tanto essas entrevistas como esses projetos refletem e descrevem o pensamento e o fazer arquitetônico, dentro do âmbito da práxis profissional.

A epistemologia da prática ao ser observada, através da atuação dos profissionais frente à singularidade, à complexidade, à instabilidade e às incertezas projetuais, encontradas no dia-a-dia dos escritórios de arquitetura, poderá nos ajudar a compreender como o processo projetual se desenvolve. A teoria construída a partir desses resultados e, aqui apresentada, poderá contribuir para a melhoria do trabalho dos profissionais, dos estudantes, como também, para o ensino de projeto. Poderá ainda promover a tão necessária interação entre a teoria e a prática arquitetônica.

ABSTRACT

Among the many questions and issues that permeate the contemporary architecture context, is the existing gap between the theory, the critical reflection and the practice of architecture. In order to lead architects and students to more efficient and harmonic designing it is absolutely necessary to find a way to bridge this gap. Only through the theoretical fundamentals based on practice it is possible to contribute to the architectural making.

To validate this assertion, a detailed investigation of the contemporary practice of the architects, a qualitative research is presented here. It was based on in-depth interviews conducted with a group of eighteen architects. Each of these professionals also contributed to this research by supplying one of his own designs to be analyzed. The interviews and corresponding designs reflect and describe the architectural mental processes and activities which are prevalent in the contemporary professional practice.

The epistemology of practice is constructed by observing the professional action in situations dealing with the design's uniqueness, complexity, instability and uncertainty. These day-to-day activities that are present in today's architecture offices can help us understand how the design processes happen. The theory thus developed can contribute to improve the performance of the professionals and students, as well as to the teaching at architecture schools. It also can promote the so necessary interaction between theory and practice.

Apesar da consciência da importância do debate arquitetônico, o falar sobre a produção da arquitetura contemporânea é sempre difícil. Difícil, inclusive, para os arquitetos cujo trabalho primordial consiste na criação e desenvolvimento de projetos. É importante ressaltar que, na maioria das vezes, os livros e as revistas sobre arquitetura contemporânea nos apresentam textos, fotografias, comentários e análises críticas de projetos de arquitetura e de obras já finalizadas. Estes projetos e obras são considerados como um *produto final* a ser admirado e analisado. Normalmente, não nos são revelados os conceitos teóricos abordados e nem os processos projetuais que os geraram.

A arquitetura contemporânea, através do seu caráter eclético, de sua diversidade de formas e do seu pluralismo cultural, acentua a dificuldade de se falar em conceitos, sistematizações e métodos dos projetos arquitetônicos; pois estes se tornam camuflados frente à própria diversidade

contemporânea. Vários questionamentos sobre o ensino e a prática da arquitetura se fazem presentes e, entre eles, destaca-se o distanciamento existente, hoje, entre a crítica, a teoria e a prática da arquitetura. Faz-se necessária a busca dos pressupostos teóricos e metodológicos. Este texto tem como objetivo maior, a busca desses pressupostos, que se encontram por trás do trabalho cotidiano dos arquitetos contemporâneos.

Em busca de descobrir quais são os conceitos, os pressupostos teóricos e metodológicos presentes nos trabalhos dos arquitetos contemporâneos; de compreender como é (como são) o(s) processo(s) de projeto desses arquitetos; de verificar quais as semelhanças e diferenças desses processos e se eles podem ser sistematizados; de reconhecer dentro das obras arquitetônicas desses profissionais os conceitos teóricos com os quais eles trabalham; de verificar se é possível, através de uma análise da prática arquitetônica chegar à teoria da arquitetura e se podemos ensinar a outros arquitetos ou estudantes os processos e métodos dos projetos analisados desenvolvi, durante a minha dissertação de mestrado, a pesquisa de campo, a seguir.

O reconhecimento da importância de se desvendar o processo projetual e do papel do arquiteto como gerador de soluções, motivou-me para a realização, através da pesquisa qualitativa, de entrevistas em profundidade com um grupo heterogêneo de arquitetos e a análise de algumas de seus projetos. O grupo pesquisado é formado por arquitetos com características diferentes; tais como sexo, idade, tempo de atuação, formação e tipo de projetos realizados.

Ao tomar como exemplo as atividades profissionais desses arquitetos e também a análise de alguns de seus projetos, busco a compreensão de como eles abordam as questões arquitetônicas no dia a dia de seus escritórios e a compreensão de quais são os valores, que refletem ou antecipam a própria arquitetura contemporânea. Acredito que os resultados dessa pesquisa, aqui apresentados, possam contribuir de forma significativa para a atuação de outros arquitetos e estudantes, e até mesmo melhorar o seu desempenho, através de um projetar mais harmônico e eficaz.

A ênfase teórica, deste trabalho, se encontra nos autores que valorizam a necessidade de se desvendar o processo projetual. Schön (1983), no livro *The reflective practitioner: how professions think in action*, nos aponta para o fato de que não existe um guia para ajudar aqueles que querem melhorar a sua prática e aumentar seus conhecimentos e nem tampouco existe um guia para ajudar os estudantes que querem ter uma nova visão da ação prática. Para que esta melhoria da prática possa existir, é preciso buscar o conhecimento dentro da epistemologia da prática. O projeto de arquitetura se torna uma forma de investigação que pesquisa as conexões entre o conhecimento geral e os casos específicos. A observação próxima da prática permite descobrir se existe algum rigor intelectual presente no desenvolvimento da ação. Pode sugerir implicações tanto da relação do profissional com seus clientes, quanto da estrutura organizacional destas práticas; e como consequência, nos aproxima e contribui para a futura interação, tão necessária, entre a pesquisa e a prática.

Lawson (1997), no livro *Design in mind*¹, nos aponta algumas das maneiras para se desvendar o processo projetual:

(...) para que possamos entender o projeto como um processo podemos utilizar diversas técnicas diferentes. Podemos analisar e sugerir os processos e as estruturas lógicas que imaginamos que os representem. Nós podemos observar os arquitetos em seu trabalho. Nós podemos conduzir experimentos laboratoriais em projetos. Finalmente, nós podemos pedir aos arquitetos que nos digam aquilo que eles fazem. (LAWSON, 1997: 2)

Existem diversas maneiras para se abordar o processo projetual. Uma das técnicas apropriadas são as entrevistas em profundidade, aplicadas a uma amostra, ou seja, a um grupo menor de arquitetos. É exatamente nessa técnica, de entrevistas em profundidade, através da pesquisa qualitativa, que foi desenvolvido este trabalho.

Como parte da metodologia adotada, as entrevistas foram realizadas com um grupo misto de arquitetos selecionados *a priori*, formados por *arquitetos de relevância* e por *arquitetos representativos*. Fazendo parte da amostra de relevância foram escolhidos alguns arquitetos considerados expoentes da classe de arquitetos. Fazendo parte da amostra de representatividade

¹ LAWSON, Bryan. *Design in mind*. Oxford: Architectural Press, 1997.

foram escolhidos alguns arquitetos que apresentam características comuns a toda classe de arquitetos. A preocupação na escolha da amostra foi abranger, através da diversidade de arquitetos e de atuações, todos os tipos de prática da arquitetura. Os arquitetos selecionados para as entrevistas estão divididos em seis grupos distintos. Estes grupos são formados por membros que compartilham a mesma época de formatura, ou seja, está sendo feita uma análise qualitativa através da *coorte de formatura*². Cada grupo previamente selecionado é composto por três membros. Como são seis grupos de arquitetos, cada um deles formado por três membros, foram entrevistados um total de *dezoito* arquitetos. A intenção foi abranger, ao máximo, todas as fases de atuação profissional, englobando desde as fases iniciais dos recém formados até a maturidade profissional dos já consolidados no mercado de trabalho. A única exigência estabelecida para a escolha dos profissionais, foi que todos eles tivessem pelo menos um de seus projetos já executado.

As entrevistas foram realizadas através de um questionário semi-estruturado, formado por um primeiro questionário estruturado e por um segundo questionário, não estruturado. O questionário estruturado é aquele que apresenta ao entrevistado as opções de respostas e possibilita ao pesquisador a transformação dessas respostas em dados estatísticos. O questionário não estruturado não apresenta as opções de respostas ao entrevistado e como parte da metodologia adotada, suas respostas foram gravadas (obviamente com o consentimento do entrevistado) e posteriormente, transcritas. Cada um dos arquitetos ainda contribuiu para esta pesquisa com o fornecimento de um de seus projetos para sua análise posterior. As informações fornecidas nas transcrições das entrevistas gravadas, que se reportavam a assuntos e tópicos em comum, foram agrupadas em uma mesma pasta e colocadas lado a lado. Foi, então, possível compará-las e cruzá-las, observando-se, ao mesmo tempo, o comportamento dos arquitetos dentro do seu próprio grupo, como também dentro do grupo maior, formado por todos. O objetivo é confrontar as opiniões, os conceitos e os métodos de trabalho adotados pelos diversos entrevistados e ainda procurar reconhecê-los nos projetos analisados. Com esta metodologia, torna-se possível, verificar se existem semelhanças ou diferenças entre a atuação dos profissionais pertencentes a cada grupo formado, e também compará-las com os outros profissionais dos demais grupos.

Com a análise das entrevistas realizadas e dos projetos arquitetônicos fornecidos, foi possível traçar paralelos entre os conceitos teóricos existentes sobre a projeção, os encontrados na *fala* dos arquitetos e os revelados em seus próprios projetos. Assim, tornou-se possível verificar como a prática se assemelha ou não aos textos acadêmicos e às publicações científicas.

Não sendo possível, neste momento, através de um texto reduzido, apresentar a leitura completa dos resultados obtidos na pesquisa realizada, apresento, a seguir, as conclusões que puderam ser estabelecidas após a sua análise.

Esta pesquisa qualitativa preocupou-se com a compreensão e com o aprofundamento do modo como os arquitetos trabalham, dentro do contexto cotidiano de suas práticas. Inicialmente, como parte da proposta desta pesquisa, foram estabelecidos os diferentes grupos de arquitetos e procurou-se encontrar as possíveis diferenças entre essas práticas profissionais, seus conceitos e suas metodologias. No entanto, os resultados surpreenderam, revelando muito mais semelhanças entre essas práticas do que, propriamente, diferenças. Creio que através da exposição das diferentes formas de atuação dos arquitetos, apresento um quadro abrangente e verdadeiro sobre a prática profissional e, portanto, um resumo da atualidade mais próxima da nossa realidade.

Quanto ao processo de projeto

Com a observação da prática dos arquitetos é possível verificar que o processo projetual é pessoal, dinâmico e circunstancial. Ele não existe como uma técnica ideal, tomada passo a passo e, portanto, não pode ser sistematizado. O processo projetual não se desenvolve de uma maneira linear e lógica. Sabemos que parte de uma situação problemática e se desenvolve na direção da

² Uma *coorte* é um grupo de pessoas que segue simultaneamente através do tempo e da idade. Pode ser definida, mais ou menos estreitamente, como por exemplo, por ano ou década. Usualmente, a *coorte* refere-se ao grupo que compartilha a mesma data de nascimento, mas em alguns casos é útil definir *coorte* como indivíduos que compartilham algum evento marcante, como por exemplo, a entrada na universidade ou a formatura. A palavra *coorte* era originalmente um termo militar, referindo-se a um grupo de aproximadamente 600 soldados romanos que marchavam juntos. Assim, as *coortes* formam os grupos "que marcham juntos pela vida".

solução mais adequada para aquele determinado problema. No entanto, o caminho tomado para alcançar essa solução varia muito.

Existem muitos e diferentes estilos para tomar decisões, cada um dos quais pode apresentar tanto peculiaridades individuais como características em comum. Foram relatados diversos tipos de abordagens frente aos problemas iniciais da projeção. Alguns arquitetos começam o seus projetos desenvolvendo a planta, outros partem do volume, enquanto outros ainda tentam responder com a elaboração da planta, cortes e elevações, tudo sendo pensado ao mesmo tempo. Existem os que começam seus projetos partindo do detalhamento e definindo as ambiências internas de cada espaço, enquanto outros somente pensam nos detalhes no momento que seus projetos são considerados avançados e elaborados. Encontramos arquitetos que só conseguem iniciar os seus projetos na tranquilidade dos seus isolamentos, enquanto outros compartilham os momentos iniciais numa mistura e fusão de traços e idéias. Para alguns desenvolver uma única idéia e elaborá-la em profundidade é a solução mais adequada para o problema projetual, enquanto para outros desenvolver diversas alternativas é o caminho mais indicado para alcançar a solução. Todas essas diferentes maneiras encontradas na atuação profissional nos aproximam dos conhecimentos teóricos contemporâneos sobre a projeção. Foram evidenciados, entre outros, a “conversação” apontada por Schön (1983), as “idas e vindas” descritas por Rowe (1987) e o fato de que a projeção consiste em análise, síntese e avaliação, conectados em um ciclo interativo, porém sem um ponto determinado para o seu início ou para o seu fim, como apontado por Lawson (1997). Os arquitetos afirmam, por diversas vezes, que atuam de forma diferente para cada situação de projeto; situação esta, considerada por eles como única e peculiar.

Entretanto, é possível perceber que, em determinados momentos do processo projetual, algumas de suas etapas podem ser sistematizadas. É possível sistematizar algumas das fases da projeção como, por exemplo, a elaboração do programa, o pré-dimensionamento, o pré-orçamento ou a avaliação pós-ocupação. No entanto, as fases de projeção, onde os arquitetos apresentam as suas primeiras idéias, avaliam os possíveis caminhos a ser tomados, movimentam-se para frente e para trás, fazem as reflexões-na-ação e tomam as suas decisões, estas não seguem nenhuma lógica passível de ser sistematizada. Conhecer as diferentes formas do processo projetual não significa tentar encontrar fórmulas racionais e mágicas, mas ao contrário, entender e conscientizar os arquitetos e estudantes sobre o que se passa durante o processo de projeto e possibilitar a eles a familiarização sobre os diferentes e possíveis caminhos a serem percorridos. Enfim, o próprio arquiteto terá que compreender por si só, descobrir quais são os trajetos mais adequados para a realização de cada projeto e caminhar sozinho.

Quanto às características dominantes presentes na prática dos arquitetos contemporâneos

Dentro do grupo de arquitetos e projetos analisados, é possível destacar algumas das características que aparecem, de forma majoritária, como dominantes no âmbito da prática contemporânea. Destacam-se:

. *O papel fundamental do desenho na tarefa de projetar.* O desenho é essencial para a prática dos arquitetos, tanto pela possibilidade de representação que ele oferece, tanto pela possibilidade da comunicação gerada através dele, quanto por suas características documentais e legais. São diversos os tipos de desenhos usados que, ora se apresentam como simples croquis, ora como desenhos mais elaborados. Podem ainda, ser realizados através da computação gráfica, podendo representar duas ou até mesmo três dimensões. O desenho está presente em todas as etapas do projeto. Eles adquirem, inclusive, um papel social, através da comunicação, essencial para a projeção. Os arquitetos representam, elaboram e testam as suas idéias através dos desenhos. É através deles que é possível para o arquiteto “conversar” com a própria situação projetual, elaborá-la e modificá-la, até julgá-la satisfatória. Através deles é que torna-se possível para o arquiteto a comunicação com os demais membros de sua própria equipe para alcançar o desenvolvimento necessário do projeto. São os desenhos que permitem a interação entre o arquiteto e o seu cliente ou usuário e a compreensão por parte desses sobre o projeto. Os desenhos estabelecem a comunicação necessária entre o arquiteto, os engenheiros e os demais

envolvidos na elaboração do projeto. É ainda, através dos desenhos, mais tecnicamente desenvolvidos e dos detalhes executivos, que a obra de arquitetura se torna passível de ser executada.

. *O papel da computação gráfica na projeção.* A computação gráfica permitiu mudanças profundas na prática profissional. Não há dúvidas de que ela foi responsável pela agilização do processo projetual. Promoveu ganhos significativos de tempo na execução dos projetos e enormes ganhos na precisão dos desenhos. Aos arquitetos é permitido experimentar com mais agilidade, estudar os volumes, trocar os revestimentos e as cores num simples apertar de comandos, de forma muito mais ágil e simplificada. A animação permite o “caminhar dentro” e para os leigos ou para aqueles com dificuldade na compreensão dos projetos, tudo fica mais claro e mais fácil de ser compreendido. A realidade virtual assume papel importante, embora questionável (assunto que não cabe ser discutido neste momento) na prática arquitetônica.

Por outro lado, observa-se que as ferramentas digitais de projeção não conseguiram eliminar os desenhos à mão livre que ocorrem em todas as etapas do processo. Para a maioria dos arquitetos entrevistados, eles ainda são a própria essência da arquitetura. Observa-se, no entanto, que já existem indícios de que a computação gráfica começa a ser usada para a geração da forma, embora ainda, sem nenhuma expressão dominante e significativa. Contudo, fica aqui o registro da possibilidade de mudanças no processo projetual.

. *A relação com o lugar é fundamental na arquitetura contemporânea.* Nenhum projeto é desenvolvido de forma indiferente a seu entorno. As questões como a topografia, insolação, ventos dominantes, vistas, acessos, vizinhança e outras mais são elementos de fundamental importância para a concepção do espaço projetado. Um dos objetivos dos projetos contemporâneos é a valorização da relação do edifício com o seu entorno.

. *A relação da forma e função é equilibrada.* Uma das preocupações dos arquitetos é garantir o funcionamento correto da edificação, sem que seja necessário abrir mão de uma volumetria adequada. O objetivo da maioria é atingir o equilíbrio entre a forma e a função, sem que nenhuma das duas se sobressaia ou se imponha em detrimento da outra.

. *Os projetos são concebidos sem idéias estabelecidas a priori.* Cada projeto é único e como tal deve ser elaborado. O arquiteto não tem o conhecimento e a certeza do objeto a ser projetado. Caso ele os tivesse, o objeto ficaria empobrecido. Durante o processo projetual são estudadas e estabelecidas as relações com o lugar, as técnicas de construção estruturalmente e tecnologicamente adequadas, os fluxos e a circulação necessários, as relações funcionais e espaciais pertinentes, os materiais mais adequados; enfim, praticamente todas as relações necessárias para o desenvolvimento do projeto são estabelecidas durante o próprio processo projetual. Daí, a grande valorização do processo e não do produto final, o projeto.

. *As abordagens projetuais não são fixas e nem seguem a modelos preestabelecidos.* Um mesmo arquiteto age de uma certa maneira, frente a um projeto, e de outra maneira diferente, frente a um outro. O processo de projeção varia tanto de projeto para projeto, quanto de arquiteto para arquiteto. O pensamento da projeção não é nem estruturado, nem linear e nem em série. Apresenta-se através de uma desordem randômica, onde as idéias vão sendo testadas, abandonadas ou aprovadas para ser, posteriormente, elaboradas. O processo projetual, mais uma vez, evidencia que a projeção é uma atividade que envolve fases de negociação entre a análise, a síntese e a avaliação. Porém, não nos é mostrado nenhum ponto de chegada e nem de partida e nem mesmo a direção do fluxo entre uma atividade e outra³.

. *O diálogo entre as demais pessoas envolvidos na elaboração do projeto é fundamental.* O diálogo entre o arquiteto e os envolvidos na execução do projeto, tais como, com os engenheiros calculista, elétrico e hidráulico, com o empreendedor e o construtor, é necessário e valorizado, desde os momentos iniciais da projeção. A interação é fundamental para garantir o bom resultado do projeto.

. *O diálogo aberto e franco entre o arquiteto e seu cliente é fundamental.* A participação do cliente ou do usuário é valorizada pela maioria dos arquitetos. A compreensão do cliente sobre o projeto

³ LAWSON, 1997, p. 47.

torna-se essencial. A maioria dos arquitetos só se realiza profissionalmente, quando consegue, através do seu projeto, promover a satisfação e cumprir com as necessidades e com as expectativas iniciais dos seus clientes.

. *O processo projetual dos diferentes arquitetos entrevistados é muito semelhante.* Embora minha intenção inicial, ao contrapor os diferentes grupos de arquitetos, fosse caracterizar as diferenças existentes nos seus modos de atuação, os resultados surpreenderam e as diferenças encontradas são muito poucas. Essas diferenças encontradas nos processos projetuais dos arquitetos não estão vinculadas ao fato de serem eles de relevância ou de representatividade, nem às suas diferenças de sexo, de idade ou de formação. As únicas diferenças encontradas se relacionam ao tempo de atuação do profissional. O modo de atuação dos entrevistados é muito semelhante, principalmente em relação às tomadas de decisões, às reflexões-na-ação e ao movimento de idas e vindas, necessário na elaboração dos projetos. São apenas duas as diferenças que se destacam. A primeira, é em relação ao uso da computação gráfica e suas ferramentas digitais. Os arquitetos mais jovens, aqueles que têm menos tempo de atuação profissional, apresentam uma enorme facilidade com o uso dos programas de computação aplicados à arquitetura, e são eles mesmos os responsáveis pela confecção dos modelos e perspectivas para o estudo e a apresentação dos seus projetos. Enquanto que os profissionais com mais tempo de atuação profissional, não dominam essas técnicas e programas e, normalmente, acabam por contratar outras pessoas para esse tipo de atividade. A Segunda, é que os arquitetos mais experientes criam determinados atalhos em seus processos projetuais. Para eles, é possível reconhecer nas diversas situações de projeto, alguma similaridade com alguma experiência vivida anteriormente, que os possibilite encontrar atalhos em direção à resolução dos problemas projetuais. Normalmente, a experiência profissional proporciona uma maior agilidade e um maior número de acertos, dentro do processo projetual.

. *Os arquitetos apresentam uma grande diversidade de tipos de projetos realizados.* Os arquitetos, normalmente, não se especializam em um tipo único de projeto a ser desenvolvido em seus escritórios. Na verdade, a prática nos revela uma grande diversidade de projetos elaborados por todos eles.

. *Existe uma grande diversidade de soluções para os projetos arquitetônicos.* Não é possível definir a arquitetura através de um léxico formal. Existem alguns conceitos e características, como, por exemplo, a originalidade, o simbolismo, o modismo e o espírito de época, o uso de partido, de módulos e de malhas para a projeção, que podem estar *presentes* ou *ausentes* nos projetos, assumindo uma certa preferência pessoal dentro do processo projetual e que, dessa forma, contribuem para reforçar mais ainda a diversidade da condição contemporânea.

. *O afastamento existente entre a teoria e a prática.* O distanciamento existente entre a produção arquitetônica e sua reflexão crítica e teórica, é apontado por diversos arquitetos. A própria diversidade existente na arquitetura contemporânea contribui para esse afastamento. Observa-se, através da prática, que o projeto adquire uma certa autonomia, que torna-o capaz de se afirmar por si só, dissociando-se da crítica e da teoria. É possível constatar, através da prática dos arquitetos entrevistados, a distância existente entre as universidades e as profissões, entre as pesquisas desenvolvidas nas escolas e a prática cotidiana.

Quanto ao estabelecimento de diretrizes para a melhoria da prática e do ensino da arquitetura

. *Promover a conscientização dos alunos sobre o processo projetual.* Desvendar o processo projetual e compreender suas múltiplas formas de ação pode contribuir de forma significativa para o ensino de arquitetura. O reconhecimento de que não existe um modo único e correto de atuação pode incentivar os alunos a descobrir e a conhecer os diferentes processos projetuais de diversos arquitetos. Ao tornarem-se familiarizados com os múltiplos modos de atuação dos profissionais, frente às situações projetuais, os estudantes se sentirão mais à vontade para ousar e experimentar novas formas, o que poderá contribuir para que encontrem os seus próprios caminhos.

. *Promover o desenvolvimento da capacidade crítica.* Vale enfatizar que a crítica a que me refiro, neste momento, não é a crítica feita sobre o produto final, ou seja, sobre a obra de arquitetura realizada, pronta e acabada, mas aquela crítica necessária e intrínseca ao processo projetual. A crítica necessária para as reflexões-na-ação e para as tomadas de decisões que ocorrem durante o processo projetual. Aquela capaz de dar suporte à responsabilidade do arquiteto durante o seu pensar e o seu propor, ao projetar. Uma crítica que esteja compromissada com o fazer e com o pensar arquitetônico, capaz de contribuir para o embasamento teórico e para o desempenho projetual dos arquitetos e, principalmente, dos estudantes, preparando-os para a realidade de suas vidas profissionais.

. *Incentivo às pesquisas e aos estágios. Parcerias entre empresas e escola, entre arquitetos e estudantes.* Uma das maneiras mais eficientes para aproximar a teoria e a prática é através do envolvimento entre as empresas e a escola e entre os profissionais e os estudantes. Os estudantes não podem mais ser lançados no mercado de trabalho sem que tenham o conhecimento real sobre a prática e uma convivência próxima com ela.

. *Educação continuada após a escola.* Não se pode negar que na condição contemporânea mundial nós presenciamos o massacre da globalização, a compressão do espaço-tempo, a efemeridade dos fatos, a obsolescência dos objetos, a força da imagem, a manipulação da mídia e a fragmentação das cidades. Tudo isso, de alguma forma, interfere no fazer arquitetônico do profissional. A velocidade da informação no mundo contemporâneo, as novidades tecnológicas, as mudanças que ocorrem no nosso dia-a-dia provocam uma constante desatualização do profissional. Como consequência, a atualização é extremamente necessária. A escola deve estar atenta a isso, deve criar novos cursos que propiciem a atualização dos profissionais e que promovam a necessária reciclagem dos mesmos. A criação desses cursos pode ainda propiciar, além de atrair os profissionais de volta às escolas, a aproximação e a troca de informações necessárias entre esses arquitetos e os estudantes.

Quanto a novos caminhos e possibilidades

Procurei, através de uma análise qualitativa da prática profissional de diversos arquitetos, desvendar o processo projetual, conhecer os seus principais conceitos e suas formas de abordagens, aproximando-a da teoria e da crítica. Procurei compreender, através dos arquitetos e dos seus projetos, as evidências da arquitetura contemporânea. Procurei ainda, criar diretrizes que visam a melhoria do ensino nas escolas de arquitetura e conseqüentemente do próprio fazer arquitetônico. Entretanto, novos objetivos começam a se formar. Não basta a criação dessas diretrizes. É preciso colocá-las em prática e verificar se, realmente, serão eficientes. Esta pesquisa não se esgota neste momento e, pelo contrário, abre espaço para que outras possam vir a complementá-la. Somente quando o *ensinar a projetar* se tornar claro e eficiente é que me contentarei.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Christopher. *Notes on the synthesis of form*. 8 ed. Cambridge: Harvard University, 1974.
- ALEXANDER, Christopher. *El modo intemporal de construir*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1981.
- BAKER, T. *Doing social research*. New York: McGraw-Hill, 1989.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das letras, 1996.
- COMAS, Carlos Eduardo. (Org.). *Projeto arquitetônico: disciplina em crise, disciplina em renovação*. São Paulo: Projeto, 1986.
- De VAUS, D.A. *Surveys in social research*. London: UCL, 1986.
- FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GHIRARDO, Diane. *Arquitetura contemporânea: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

- GOLDENBERG, Miriam. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GREGOTTI, Vittorio. *Território da arquitetura*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 7 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- HERTZBERGER, Herman. *Lições de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- JONES, Christopher John. *Design methods*. 2ed. New York: Van Nostrand Reinhold, 1992.
- KRUEGER, Richard A. Analyzing & reporting focus group results. In: _____. *The Focus Group Kit*. Thousands Oaks: Sage Publications, 1998.
- KRUFT, Hanno-Walter. *A history of architectural theory: from Vitruvius to the present*. New York: Princeton Architectural, 1994.
- LARA, Fernando, MARQUES, Sônia (Org.). *Projetar: desafios e conquistas da pesquisa e do ensino de projeto*. Rio de Janeiro: Virtual Científica, 2003.
- LAWSON, Bryan. *How designers think: the design process demystified*. 3 ed. Oxford: Architectural, 1997.
- LAWSON, Bryan. *Design in mind*. Oxford: Architectural, 1997.
- LAWSON, Bryan. *What designers know*. Oxford: Architectural, 2003.
- MAHFUZ, Edson da Cunha. *Ensaio sobre a razão compositiva; uma investigação sobre a natureza das relações entre as partes e o todo na composição arquitetônica*. Belo Horizonte: AP Cultural, 1995.
- MARSH, Catherine. *The survey method: the contribution of survey to sociological explanation*. London: George Allen & Unwin, 1982.
- MARTINEZ, Alfonso Corona. *Ensaio sobre o projeto*. Brasília, DF: Editora da UNB, 2000.
- MASON, Jennifer. *Qualitative researching*. London: Sage Publications, 1996.
- MONTANER, Josep Maria. *A modernidade superada. Arquitetura, arte e pensamento de século XX*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001.
- ROBINS, Edward. *Why architects draw*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1997.
- ROWE, Peter G. *Design Thinking*. 3 ed. Cambridge: 1991.
- SEGRE, Roberto. *Arquitetura brasileira contemporânea*. Petrópolis: Viana & Mosley, 2003.
- SILVA, Elvan. *A forma e a fórmula: cultura, ideologia e projeto na arquitetura da Renascença*. Porto Alegre: Sagra, 1991.
- SILVA, Elvan. *Fundamentos teóricos da crítica arquitetônica*. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 2001.
- SILVA, Elvan. *Uma introdução ao projeto arquitetônico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1983.
- SOLA-MORALES, Ignasi. *Sado-masochism: criticism and architectural practice*. In: _____. *Differences: topographies of contemporary architecture*. Cambridge: MIT, 1997.
- SCHÖN, DONALD A. *The reflective practitioner: How professionals think in action*. [S.l.]: Basic Books, 1983.
- TEDESCHI, Enrico. *Teoria de la arquitectura*. 3 ed. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1980.
- ZEIN, Ruth Verde. *O lugar da crítica: ensaios oportunos de arquitetura*. Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2000.